

Um convite gentil para fazer algo muito frequente no campo do pensamento, mas inusitado na execução. Gosto muito de ler e minha leitura nunca deixa de ter ecos, associações, memórias, sentimentos e tantas outras imagens que tornam esse processo muito curioso.

No entanto, um convite para publicar um “eco” com ampla liberdade para escolher o capítulo em uma revista que admiro me impactou!

Transformar o fazer natural e habitual em trabalho escrito acabou por se tornar um desafio e cá estou a encará-lo.

A escolha do capítulo foi a parte mais fácil: o segundo com o qual me deparei, “O modo de enlutamento na contemporaneidade e o aporte do construcionismo Social”, já fez eco. Escrito por Carmem Moré e Ivânia Luna, da UFSC, trata de um tema que tem sido recorrente nos meus estudos da Fase Última do Ciclo Vital Familiar.

Primeiro veio a curiosidade de pesquisador: conheço o trabalho de Carmem Moré e nunca havia lido nada escrito por ela sobre a temática da morte e do luto. Segundo, a satisfação de encontrar um texto importante sob a lente do construcionismo social refletindo sobre os reflexos do enlutamento na contemporaneidade.

Morte, doença, velhice são os temas mais evitados pelas nossas famílias (Cerveney, 1997). Todos temos consciência da finitude, mas nossa cultura e tradição talvez tenham passado a fantasia de um controle sobre a morte que persiste de diferentes maneiras.

Lembro-me que, quando criança, me mandavam desvirar sapatos que estavam com a sola para cima para que minha mãe não morresse. Achava estranho, mas gostava de ter o poder de manter minha mãe viva e por perto. Hoje, em contato com público de diversas áreas, me surpreendo com o número de pessoas que ainda desvira sapatos...

As autoras do ensaio colocam muito bem a contextualização do enlutamento e sua ritualização nas diferentes culturas e isso ecoa rapidamente para as múltiplas realidades do nosso país continente. Enquanto, em grandes centros, a tecnologia das UTIs ajuda as pessoas com doenças terminais a sobreviver fazendo a família suportar o luto antecipatório (Fonseca, 2004), vejo uma fotografia em um jornal do dia na qual uma parturiente está dando à luz em um centro médico do interior do país, iluminado com lanternas portáteis.....

Voltando à nossa cultura de evitação dos temas que levam à dor e sofrimento, isso leva nossa rede também a não querer “escutar a dor” do semelhante. Já tive a experiência de, em um momento de perda, um grande amigo a quem contei o fato reagir com o convite:

“Vamos tomar um cafezinho?”

Estava fazendo a comum substituição de comida por afeto!

Como reabilitar a sociedade, a nossa rede, a família para essa escuta?

Na nova era da comunicação, teclamos e cumprimos a difícil tarefa!

Agradeço o convite, muitos outros ecos surgiram e tenho certeza de que também surgirão nos leitores deste artigo de Moré e Luna.

CENEIDE MARIA DE OLIVEIRA CERVENY

Doutora em psicologia pela PUC-SP, professora da PUC-SP